

VOL IV

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Patrícia Vasconcelos Almeida
Mauriceia Silva de Paula Vieira
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2021

VOL IV

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Patrícia Vasconcelos Almeida
Mauriceia Silva de Paula Vieira
(Organizadoras)



**EDITORA
ARTEMIS
2021**



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe

Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Editora Executiva

M.^a Viviane Carvalho Mocellin

Direção de Arte

M.^a Bruna Bejarano

Diagramação

Elisângela Abreu

Revisão

Os autores

Organizadoras

Prof^a Dr^a Patricia Vasconcelos Almeida

Prof^a Dr^a Mauriceia Silva de Paula Vieira

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia

Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba

Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal

Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México

Prof.^a Dr.^a Emilias Darlene Carmen Lebus, Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina

Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco

Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas

Prof. Me. Javier Antonio Alborno, University of Miami and Miami Dade College, USA

Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros



Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Lúvia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P832 Por palavras e gestos [livro eletrônico] : a arte da linguagem vol IV / Organizadoras Patricia Vasconcelos Almeida, Mauriceia Silva de Paula Vieira. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-87396-27-9

DOI 10.37572/EdArt_290121279

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Almeida, Patricia Vasconcelos II. Vieira, Mauriceia Silva de Paula.

CDD 469

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



2021

APRESENTAÇÃO

O volume 4 do livro **“Por Palavras e Gestos: A arte da Linguagem”** se constitui a partir da seleção e organização de trabalhos que envolvem processos de ensino da língua, questões sobre formação docente dos profissionais do ensino de língua e considerações diversas sobre a grande área de estudos que a Linguagem. Entrecortado por questões teórico-práticas que envolvem majoritariamente o ensino presencial, mas que também transita entre o ensino virtual e/ou híbrido, dando destaque aos letramentos que se fazem necessários para utilização das mídias digitais no contexto educacional, este volume oferece ao leitor oportunidades de repensar teorias e práticas pedagógicas. Considerando não somente o contexto de ensino da língua portuguesa, esta obra dá lugar também à língua brasileira de sinais, a língua crioula cabo-verdiana, bem como à outras manifestações da linguagem, tais como: arte, cinema e literatura. Respeitando diversos contextos sociais, históricos e culturais, alguns dos trabalhos se desdobram em compreender as razões que determinam ou influenciam manifestações linguísticas, construções morfossintáticas no campo da medicina e construções fonológicas do português brasileiro, bem como a importância da hermenêutica na linguagem jurídica. Toda essa diversidade de temáticas só vem a enaltecer a abrangência da área dos estudos da linguagem e ressaltar sua importância para academia.

Patricia Vasconcelos Almeida
Mauriceia Silva de Paula Vieira

SUMÁRIO

PARTE 1: PROCESSOS DE ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE

CAPÍTULO 1..... 1

RELAÇÃO ENTRE GESTÃO DO SABER CIENTÍFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA E A AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE ENSINO EM BUSCA DA EXCELÊNCIA.

Eugénia Emília Sacala Kosi
Pedro Ângelo da Costa Pereira

DOI 10.37572/EdArt_2901212791

CAPÍTULO 2..... 14

A PRÁTICA PEDAGÓGICA DAS ESCOLAS E DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA CONCEPÇÃO DOS MULTILETRAMENTOS E DISCURSOS MULTIMODAIS

Hydelvídia Cavalcante de Oliveira Corrêa

DOI 10.37572/EdArt_2901212792

CAPÍTULO 3.....25

BANQUETE “ROMEU E JULIETA”: UMA EXPERIÊNCIA ESTESIOLOGICA COM TEATRO E GASTRONOMIA

Fernanda Silva Zaidan
Raimundo Nonato Assunção Viana

DOI 10.37572/EdArt_2901212793

CAPÍTULO 438

PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE VIA AMPLIAÇÃO DO LETRAMENTO DIGITAL EM TEMPO DE PANDEMIA: CONCEITOS, EXPERIÊNCIA E AVANÇOS

Cleonice Maria Cruz de Oliveira
Marlon Teixeira de Faria

DOI 10.37572/EdArt_2901212794

CAPÍTULO 5.....53

MEDIATIZACIÓN, NARRATIVIDAD Y PROCESOS EDUCATIVOS

Federico Buján

DOI 10.37572/EdArt_2901212795

CAPÍTULO 662

ESCREVER SOBRE ENSINO DE LEITURA: ANÁLISE DE DOCUMENTOS OFICIAIS

Alba Helena Fernandes Caldas
Cibele Moreira Monteiro Rosa

DOI 10.37572/EdArt_2901212796

CAPÍTULO 7..... 74

ENSINO DE LEITURA E ESCRITA EM AMBIENTE DIGITAL

[Carmen Pimentel](#)

DOI 10.37572/EdArt_2901212797

CAPÍTULO 8.....86

A SEMIÓTICA E AS INTERFACES DO MULTILINGUISMO: OS SOFTWARES *HAGÁQUÊ* E *AUDACITY* - PODCAST NO ENSINO CONTEMPORÂNEO

[Joelma Monteiro de Carvalho](#)

[Clisivânia Duarte de Souza](#)

[Waldemir Lima de Carvalho](#)

DOI 10.37572/EdArt_2901212798

PARTE 2: A LINGUAGEM E SUAS NUANCES

CAPÍTULO 996

ESTUDO SOBRE A LINGUAGEM, CLASSIFICAÇÃO E CONSTRUÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS RADIOFÔNICOS

[Geane Cássia Alves Sena](#)

DOI 10.37572/EdArt_2901212799

CAPÍTULO 10.....110

DO DIÁRIO AO FACEBOOK: ITINERÁRIOS DA ESCRITA ÍNTIMA

[Carmen Pimentel](#)

DOI 10.37572/EdArt_29012127910

CAPÍTULO 11..... 123

EM RETALHOS DE MISSIVAS, A TESSITURA DE UMA REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA: “... VENHA VER, COMER, BEBER E RESPIRAR NORDESTE ...”

[Cristiane Maria Praxedes de Souza Nóbrega](#)

DOI 10.37572/EdArt_29012127911

CAPÍTULO 12..... 138

METÁFORAS EM LIBRAS

[Walkiria Neiva Praça](#)

[Adriana Dias Sambranel de Araujo](#)

DOI 10.37572/EdArt_29012127912

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 13 | 151 |
| LA SINGULAR RELACIÓN YO-TÚ COMO SUPUESTO DE LA EXPERIENCIA HERMENÉUTICA | |
| Saúl Mauricio Niveyro Linares | |
| DOI 10.37572/EdArt_29012127913 | |
| CAPÍTULO 14 | 165 |
| NOVAS FORMAÇÕES COM <i>BIO- E -ÍVORO</i> EM PORTUGUÊS | |
| Maria do Céu Caetano | |
| DOI 10.37572/EdArt_29012127914 | |
| CAPÍTULO 15 | 175 |
| APLICAÇÕES E RESULTADOS PRÁTICOS DE UM ALGORITMO FONOLÓGICO-PROSÓDICO-SILÁBICO PARA PORTUGUÊS BRASILEIRO | |
| Vera Vasilévski | |
| DOI 10.37572/EdArt_29012127915 | |
| CAPÍTULO 16 | 192 |
| UM ESTUDO SINTÁTICO-SEMÂNTICO DOS FORMATIVOS DE UNIDADES TERMINOLÓGICAS COMPLEXAS DO VOCABULÁRIO DA MEDICINA | |
| Bruna Moreira de Souza | |
| DOI 10.37572/EdArt_29012127916 | |
| CAPÍTULO 17 | 205 |
| DA REFERENCIAÇÃO À REFERENCIAÇÃO SEMIOTIZADA: UMA ABORDAGEM BAKHTINIANA | |
| Lícia Maria Bahia Heine | |
| DOI 10.37572/EdArt_29012127917 | |
| CAPÍTULO 18 | 225 |
| ASCENSÃO DO CRIOULO CABO-VERDIANO: <i>ESCOLHAS E/OU RESISTÊNCIA</i> | |
| Ivonete da Silva Santos | |
| Maria Helena de Paula | |
| DOI 10.37572/EdArt_29012127918 | |
| CAPÍTULO 19 | 240 |
| PETIÇÕES INICIAIS CRIMINAIS: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA | |
| Magno Santos Batista | |
| DOI 10.37572/EdArt_29012127919 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 20 | 253 |
| NÍSIA FLORESTA E A ESCRITA FEMININA NO SÉCULO XIX | |
| Luma Pinheiro Dias | |
| Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz | |
| DOI 10.37572/EdArt_29012127920 | |
| SOBRE AS ORGANIZADORAS | 264 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 265 |

CAPÍTULO 10

DO DIÁRIO AO FACEBOOK: ITINERÁRIOS DA ESCRITA ÍNTIMA

Data de submissão: 10/10/2020

Data de aceite: 23/11/2020

Carmen Pimentel

UFRRJ – Instituto Multidisciplinar –
Departamento de Letras
Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Brasil
<http://lattes.cnpq.br/2877747717021833>

RESUMO: Gêneros textuais e gêneros digitais que falam de si (diário, agenda, blog, facebook) pertencem ao domínio confessional, apresentam narrativas pessoais com características específicas e utilizam suportes variados, como papel e internet. Durante muitos anos eram escritos em cadernos e guardados “a sete chaves” por seus autores para que não fossem lidos por outras pessoas. Por volta dos anos 80, surgiram as agendas de adolescentes. Traziam como diferencial a presença de um leitor participativo: os textos eram compartilhados com amigos, e bilhetes e comentários eram escritos nas páginas das agendas. Com o advento da internet, o diário e a agenda se fundem no blog que aproveita os recursos do suporte virtual, tornando o gênero interativo, hipertextual e

multimídia. Mais recentemente, aparecem no formato de pequenos textos ou frases (posts) acompanhados ou não de fotografias, imagens e vídeos, na rede social Facebook. Apresenta-se aqui uma descrição do percurso “diário-posts”, elencando categorias pertinentes aos gêneros textuais e digitais, com o objetivo de analisá-las e compará-las e de mostrar que tais textos podem ser de grande valia para o ensino da Língua Portuguesa, visto que são motivadores da leitura e da escrita pelos jovens. O referencial teórico é baseado principalmente nos conceitos de gêneros textuais, gêneros do discurso e gêneros digitais de Bakhtin e Marcuschi. O corpus utilizado compreende diários, agendas, blogs e posts no Facebook de jovens.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros textuais; Gêneros digitais; Diário; Blog; Facebook.

FROM THE DIARY TO FACEBOOK: AUTOBIOGRAPHICAL ITINERARIES

ABSTRACT: Autobiographical texts (diary, agenda, blog, facebook) belong to the confessional domain, and present personal narratives with specific characteristics. They use varied supports, such as paper and the internet. For many years they were written in notebooks and kept “under lock and key”

by their authors so that they would not be read by other people. Around the 80's, the teenagers agendas appeared. They brought the presence of a participatory reader as a differential: the texts were shared with friends, and notes and comments were written on the pages of the diaries. With the advent of the internet, the diary and the agenda merged into the blog. This took advantage of the resources of virtual support, making the text interactive, hypertextual and multimedia. More recently, they appear in the form of short texts or phrases (posts) with or without photographs, images and videos, on the social network Facebook. This article intends to describe the daily route-posts, listing categories relevant to the textual and digital genres in order to analyze and compare them and to show that such genres can be of great value for Portuguese language teaching. The theoretical framework is based mainly on the concepts of textual genres, speech genres and digital genres of Bakhtin and Marcuschi. The corpus used comprises youth diaries, agendas, blogs and Facebook posts.

KEYWORDS: Textual genres; Digital genres; Diary; Blog; Facebook.

1- INTRODUÇÃO

A Internet promoveu uma revolução social, levando as pessoas a se adaptarem aos novos usos do computador: bancos *on-line*, compras pela Internet, consultas em quiosques de *shoppings*, enfim, uma variedade de situações do dia a dia passou a incorporar a grande rede virtual na execução das mais simples tarefas.

A Internet traz consigo a velocidade de transmissão de informações, levando a mais uma revolução – a da comunicação. Velocidade na troca de correspondências; interação em tempo real, mesmo com a distância entre os comunicadores; aproximação de pessoas.

Além disso, a Internet também causou uma revolução linguística. A forma linear de leitura, em busca do todo, foi desmontada pelo hipertexto, que promove uma ruptura na ideia de completude, aproximando-se do pensamento humano. Ler um hipertexto é como usar uma enciclopédia com referências a outros assuntos, remetendo o leitor a outras seções em busca de mais informações. O espaço virtual da Internet é considerado um grande hipertexto e saber lê-lo ou, na linguagem dos internautas, *navegar por ele*, é um aprendizado amplo e variado. Outro item da revolução linguística se faz presente: a escrita digital. A necessidade de escrever mais rápido, usando recursos que simulam uma conversa em tempo real, fez com que os internautas desenvolvessem uma variante da língua repleta de reduções, abreviações e símbolos, sempre com o intuito de agilizar a digitação de palavras, frases, textos.

Em decorrência da revolução linguística e do uso cada vez mais intenso de computadores e Internet, surgem gêneros de escrita pertinentes ao meio digital. Em

outras palavras, gêneros textuais já convencionados pela sociedade são transportados para o novo meio de comunicação – a Internet – sofrendo algumas adaptações relativas ao espaço virtual.

2- O GÊNERO DIÁRIO

O instinto autobiográfico é tão antigo quanto o ato de escrever, já que se constitui a partir de um dos atos de fala básicos que é a narração. Contar histórias é tão antigo quanto a existência do homem. De acordo com Villanueva (1991), narrando acontecimentos, o homem explica seu passado e seu presente; aventura-se pelo futuro; justifica seus atos; é verdadeiro ou mentiroso; responsável ou não, sempre com força ilocutiva e intencionalidade perlocutiva, isto é, exercendo sobre o outro, pela palavra, um determinado efeito persuasivo.

Rosa Meire Oliveira (2002) diz que os diários eram, em sua origem, manifestações públicas e comunitárias. Objetivavam narrar acontecimentos relativos a um grupo social ou feitos históricos de personagens marcantes de determinada comunidade: diários de bordo, diário de guerra, diário de classe. Os diários passam a ter caráter mais íntimo com os protestantes ingleses, que faziam anotações sobre suas condutas e trocavam uns com os outros (seus pares) para analisarem a possibilidade de salvação dos pecados.

Conforme ressalta Lejeune (1971), a literatura centrada no sujeito já aparece nas cantigas de amor e de amigo da lírica portuguesa medieval, do século XII. O discurso íntimo, na tradição da literatura ocidental, manifesta-se bem mais tarde que o ato narrativo. Somente quando a sociedade burguesa se estabelece no século XVIII, a noção de indivíduo começa a tomar corpo, ou seja, quando o homem se convence de sua existência. O marco dos diários íntimos é atribuído ao escritor inglês Samuel Pepys (1633-1703), que durante dez anos escreveu suas memórias em escrita taquígrafa. Em seus diários, publicados somente em 1825, depois de descobertos e decifrados, Pepys narra sua vida como homem importante da corte inglesa, fazendo reflexões a respeito da sociedade e sobre si mesmo.

A partir do final do século XVIII e início do XIX, com a publicação dos diários de outros autores ingleses, os diários íntimos ganham força e popularidade. Com as descobertas de Freud sobre o consciente e o inconsciente, os diários íntimos tornam-se instrumentos de reflexão sobre si mesmo. Além disso, em sua maioria, são produções de escrita feminina.

Partindo-se da definição de Lejeune (1973, nota 9) para autobiografia – relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, dando ênfase

à sua vida individual e, em particular, à história de sua personalidade –, constata-se que o gênero diário íntimo se enquadra perfeitamente nessa definição. O relato retrospectivo, dia a dia, da própria existência, enfatiza a história e a personalidade do diarista que, na realização do projeto autobiográfico, recompõe a vida através do tempo. O diário íntimo diferencia-se, entretanto, da autobiografia em relação à perspectiva de retrospectão, pois a distância temporal e espacial entre o eu vivido e seu registro é menor naquele. Como o diário é uma escrita privada, não comporta o pacto pré-estabelecido entre autor e leitor, como na autobiografia, deixando o gênero textual sem obedecer a qualquer modelo, pois ao narrar o que fez, o diarista está na verdade em busca de dizer quem ele é por intermédio da linguagem.

O diário é um relato fracionado, que procura contar um passado recente (na verdade, com lapso de tempo aproximado de um dia) num registro em que um “eu”, com vida própria e extratextual, comprovada ou não, anota periodicamente e com auxílio de datas, um conteúdo muito variável, “mas que singulariza e revela, por escolhas particulares, um eu-narrador sempre muito próximo dos fatos” (Maciel, 2004, p.86)

Ainda que se destine ao próprio diarista (já que é manifestação íntima e privada), a escrita de diários mantém a característica de ato comunicacional, pois apresenta um diálogo entre o primeiro destinatário – o próprio diarista, o “eu sujeito” – e o “eu objeto”, representado pelo diário propriamente dito, o que explica a presença de elementos de comunicação como saudação, vocativo e despedida.

Para Remédios (1996), a literatura confessional atrai o leitor justamente por ter essa característica de retratar o autor, aproximando os dois:

Diários íntimos, autobiografias, relatos pessoais, confissões, tornam-se produto de consumo corrente, marcados pela crença no indivíduo, pela atitude confessional e pelo objetivo de preservar um capital de vivências e recordações de fatos históricos. Por que se lê um diário íntimo ou uma autobiografia? Quais as razões que movem o leitor? a curiosidade? a identificação de problemas com o autor? a procura de uma consolação? a admiração por um herói, por um artista, por uma pessoa qualquer? A literatura confessional é aquela que mais se aproxima do leitor, porque fala de um eu, de uma pessoa viva que ali se encontra e que diante do leitor desnuda sua vida, estabelecendo-se, então, uma perfeita união entre autor e leitor. (REMÉDIOS, 1996, p.2)

Tanto a escrita quanto a leitura de um diário estão diretamente ligadas à necessidade que ambos – autor e leitor – têm de conhecer a si mesmos, da busca interior. Há uma projeção natural do leitor naquele personagem-autor do diário, e vice-versa. A presença de um leitor, mesmo que imaginário, leva o autor, também movido pela curiosidade, a desnudar sua vida.

O diário, durante muito tempo, não foi considerado um texto literário por causa de seu caráter confessional e não ficcional. Era tido como um gênero menor, sem utilidade

social. A escrita reflete a vivência de um eu que se confessa, sem preocupação com a busca da perfeição literária. As palavras revelam um outro que, no fundo, é o eu-narrador, centralizado no sujeito narcísico com uma função, muitas vezes, catártica – uma possibilidade de o diário representar uma espécie de alter-ego do diarista.

3- DO DIÁRIO À AGENDA

Os diários de papel costumavam formar-se basicamente pelo texto escrito. Seu antecessor, o diário de bordo, apresentava, quando muito, alguns desenhos ou mapas das regiões visitadas. Com o tempo e a modernidade, fotografias e outros recursos não verbais foram incorporados aos diários para enriquecer os relatos.

Na década de 1980, muitos jovens passaram a “fazer agenda”. Utilizavam agendas como um diário, aproveitando-se da data já impressa em cada página. As agendas se diferenciavam dos diários, entretanto, por seu conteúdo, o “recheio”. O texto escrito, característica marcante dos diários tradicionais, foi em grande parte substituído por imagens, fotografias, papéis de bombom, ingressos de cinema ou teatro e outros pequenos objetos repletos de recordação e significação, acompanhados de frases curtas, como legendas. Conforme mostra a figura 1, sua autora colocou papéis de doces e confeitos, um desenho que ganhou de uma prima, além da passagem de ônibus interestadual utilizada naquele dia.

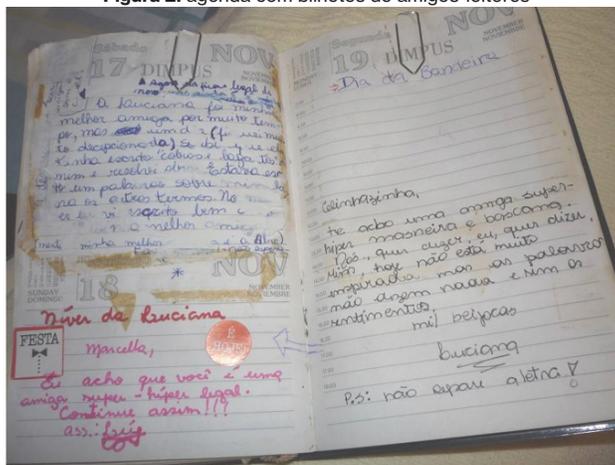
Figura 1: páginas de agenda com elementos ilustrativos



(material da autora)

Além disso, outro fator importante marcou a diferença entre o diário tradicional e a agenda: a presença de interlocutores. Nas agendas, era permitido escrever frases elogiosas, comentários e lembretes para seu dono. O círculo de amigos e de parentes participava de sua construção. Apesar de manter características próximas às do diário íntimo, a agenda era, em contrapartida, publicizada. A figura 2 retrata uma página de agenda que revela bilhetes deixados por dois amigos-leitores:

Figura 2: agenda com bilhetes de amigos-leitores



(material da autora)

Pode-se perceber pela figura 2 que a agenda não deixou de ter sua função básica – anotar compromissos e lembretes do dia a dia –, visto que a autora escreveu “Niver da Luciana” e “Dia da Bandeira” para não se esquecer de tais atividades.

4- DA AGENDA AO BLOG

A agenda perde a popularidade com a chegada dos computadores e da Internet. Em 1994, o diário íntimo ganha o espaço virtual. *Sites* pessoais surgem nos Estados Unidos e começam a se espalhar por todo o mundo. Segundo Oliveira (2002), os americanos Justin Allyn Hall e Carolyn Burke teriam sido as primeiras pessoas a manterem um diário *on-line*.

Justin' s Links (<http://www.links.net>). Justin escreve em sua página pessoal desde Janeiro de 1994, quando tinha 19 anos. Atualmente, Justin ainda mantém um site em que publica diversas informações a seu respeito. *Carolyn Diary Museum* (<http://diary.carolyn.org/>). Carolyn manteve sua página na Internet em forma de diário de Janeiro de 1995 (aos 30 anos) a maio de 2002. Atualmente, publica cartas esporadicamente para deixar seus leitores a par do que tem feito.

O fenômeno da primeira onda teve início há sete anos quando pessoas comuns começaram a realizar um ritual que foi ficando cada vez mais frequente: construir um site pessoal e nele, diariamente, depositar o diário ou jornal íntimo *on-line*. Em 1994 quando começaram a surgir, as *homepages* de diaristas podiam ser contadas na rede. Atualmente isso não é mais possível. (OLIVEIRA, 2002, p.122)

As *homepages* pessoais contavam um pequeno número provavelmente por dois motivos: era necessário conhecimento de programação para colocar uma página no ar; a ideia de publicizar a própria intimidade ainda não tinha muitos adeptos. Mas isso não impediu que a rede fosse invadida por páginas pessoais.

Com o crescimento dos *sites* pessoais, em 1999, criaram-se ferramentas para facilitar a publicação dessas páginas na Internet. Ainda de acordo com Oliveira (2002),

o principal diferencial da nova ferramenta é que ela trouxe velocidade na criação, postagem e atualização dos ciberdiários, democratizando o acesso de não-especialistas em linguagens como *html*, *ftp*, dentre outras, à construção e manutenção das páginas pessoais. Com isso, qualquer pessoa que domine noções básicas de inglês pode ter um *weblog* ou *blog*, como passaram a ser chamados os diários criados com este modelo de ferramenta que se assemelha a um editor de textos. (OLIVEIRA, 2002, p.137)

Os *blogs* tomaram conta do ciberespaço. Fáceis de usar, gratuitos, sem censura, os *blogs* podem ser criados por qualquer pessoa, seguindo um passo a passo simples disponibilizado pela própria ferramenta. Além disso, todos aqueles adereços que recheavam as agendas de adolescentes migraram facilmente para o meio digital e acrescidos de *links* para outros sites e *blogs*, tornando o recheio maior ainda.

No início, os *blogs* eram essencialmente voltados para a escrita íntima. Com o tempo, por causa da facilidade de utilização da ferramenta, os *blogs* passaram a apresentar temática variada de acordo com sua finalidade. Hoje são muito utilizados por jornalistas, por exemplo, que encontraram no *blog* uma forma de ampliar suas reportagens e permitir a comunicação com seu público leitor, independentemente da posição de um jornal.

Blogs são diários eletrônicos ou diários virtuais divulgados na Internet. O termo é uma corruptela de WEBLOG (WEB – a rede de computadores mundial – e LOG – tipo de diário de bordo). São como *sites* com temas específicos e desenvolvidos por qualquer pessoa com algo a contar. Utilizam o texto escrito como base, mas permitem outras mídias como sons, imagens, pequenos vídeos. São eventos multimídia e muito difundidos pela Internet.

Existem variados tipos de *blogs*. Classificam-se a partir de diferentes características, como assunto principal tratado pelo *blog*, quantidade de autores, tipos de mídias utilizadas, sua finalidade, entre outras. O autor de um *blog* é livre para escolher seu rumo. Jornalistas os utilizam como fontes alternativas de informação e opinião pública; educadores os vêem como ambientes para troca de conhecimento; pessoas de um modo geral os criam para expressar-se e falar sobre sua vida particular. Os *blogs*, enfim, ganharam espaço amplo na Internet, deixando de ser apenas uma manifestação de escrita íntima.

O *blog*, na “forma virtual”, se contrapõe ao diário de papel justamente por ser um texto público e permitir não só a leitura como a interferência por meio de comentários de outras pessoas. O *blog* é um diário público interativo, ou seja, o leitor é também autor

interferindo no texto com seus comentários. Por isso sua vasta utilização para diversas finalidades.

Marcuschi (2006, p.27) salienta que “novos gêneros surgem como desmembramento de outros, de acordo com as necessidades ou as novas tecnologias”. É o caso do *blog*, um derivado dos diários de bordo ou dos diários íntimos e das agendas. Isso acontece em decorrência da dinamicidade dos gêneros e de sua adaptação às necessidades do usuário da língua.

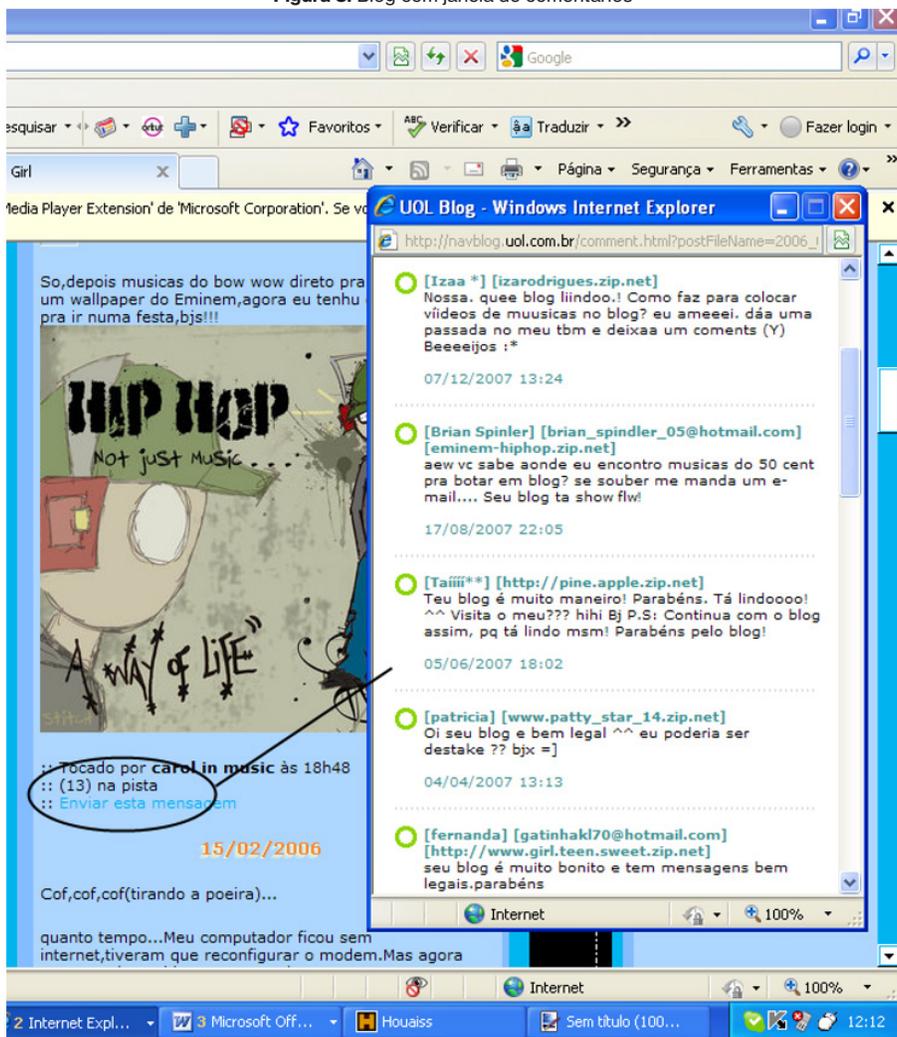
Bakhtin (1997) aponta para a existência de uma “esfera da comunicação” em que se tem a língua como o lugar de interação humana. Os gêneros textuais dão suporte a essa interação. A princípio, teríamos as esferas da oralidade e a da escrita. Atualmente, podemos incluir também a esfera da linguagem digital, que engloba tanto a linguagem escrita como a oral, além de uma esfera da linguagem não verbal, representada por imagens, vídeos, sons, enfim, um aparato possibilitado pelo meio digital. Os *blogs* constituem uma esfera de comunicação digital já que, para o autor, a interação se dá entre indivíduos organizados socialmente. Para ele (1997, p.279), “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua.”

O *blog* caracteriza-se como gênero digital, principalmente por ser um hipertexto. Traz marcas do diário tradicional de papel, mas incorpora outras características pertinentes ao suporte em que se encontra, como a navegabilidade, a inclusão em uma esfera de comunicação digital, os aspectos semióticos.

Por ser uma ferramenta digital, o *blog* oferece vantagens que o diário de papel não permite: além dos objetos, músicas, filmes, animações são inseridos com facilidade. Um *blog* passa, assim, a um somatório de elementos dispostos ao lado do texto escrito, sem uma limitação aparente. Em um *post* de um *blog*, pode haver um vídeo que, ao ser executado, toca uma música; ao lado do vídeo, uma foto com um texto produzido pelo autor do *blog*; abaixo do texto, uma listagem de *links* para outros *blogs*; além de um espaço para que os leitores possam interagir com comentários. Enfim, o *blog* apresenta, somente neste pequeno recorte, foto, vídeo, som e texto, ressaltando seu caráter hipertextual e multimodal.

Diferentemente do diário tradicional, no entanto, o *blog* não se pretende como um registro particular e secreto, restrito a seu autor ou a um seleto grupo de leitores.

Figura 3: Blog com janela de comentários



(foto da autora)

A ferramenta de construção do *blog* conta com um recurso que possibilita a escrita de textos por qualquer pessoa que o acesse, comumente denominado “comentários” (Figura 3). Janelas se abrem para que o leitor-navegante se manifeste, comentando o texto original do blogueiro (autor do *blog*). Isso traz um caráter de conversa, permitindo a troca de informações e a interação entre os participantes dessa comunidade criada pelo *blog*.

5- OS POSTS DO FACEBOOK

Com o surgimento da primeira rede social, em 1995, nos Estados Unidos e Canadá, chamada Classmates, com o objetivo de conectar estudantes da faculdade, ganha-se um

novo espaço para a escrita sobre si mesmo. O Classmates abriu caminho para várias outras redes sociais, dentre elas o Facebook.

Com *posts* mais enxutos do que os do *blog*, o Facebook rapidamente cai no gosto dos jovens do mundo inteiro. Mantendo as características de interatividade, hipertextualidade, possibilidade de anexar recursos multimídia, e, obviamente, de publicização do conteúdo, atualmente, podemos arriscar-nos a dizer que quase todas as pessoas do mundo têm uma conta no Facebook. Com um único objetivo: falar de si.

Figura 4: post de Facebook com comentários de seguidores



Como pode ser visto na Figura 5, os textos de facebook apresentam características de escrita sobre si, haja vista que seus autores costumam relatar fatos de seu cotidiano. Os comentários que aparecem logo abaixo do post (à direita, na imagem) complementam o texto do autor que, por sua vez, responde, interagindo com seus leitores/seguidores. A presença de imagem complementa o texto, reforçando seu caráter apelativo.

Foram observados em várias contas do Facebook os seguintes aspectos, além dos já analisados nos outros gêneros de escrita íntima:

1. Características da escrita sobre si;
2. Extensão do texto;
3. Qualidade de conteúdo, no que se refere à temática;
4. Nível de linguagem;
5. Interação com os leitores pelos comentários;
6. Inserção de mídias: imagens, fotos, gifs, vídeos etc.

Podemos concluir que a necessidade de falar sobre si não deixou de existir com a evolução dos meios de comunicação e dos gêneros do discurso. Pelo contrário! Novas ferramentas surgem para oferecer aos usuários da Internet mais espaços de autopromoção.

6-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos, assim, fazer uma comparação entre os quatro gêneros do modo confessional, analisados anteriormente, elencando suas categorias e variações em função do meio em que são publicados, conforme o Quadro 1.

| Categorias | Diário íntimo de papel | Agenda de adolescentes | Blog pessoal | Post do Facebook |
|--|---|---|--|--|
| Forma (datação, vocativo, despedida) | Datação escrita à mão; vocativo e despedida carinhosos e dirigidos ao próprio diário | Datação impressa; vocativo e despedida dirigidos à agenda | Datação automática (o programa faz); vocativo dirigido à comunidade leitora; assinatura eletrônica e automática | Datação automática; sem vocativo; sem assinatura (a conta do Facebook já identifica o autor) |
| Tema (escrita sobre si) | Confissões, segredos, inquietações; diálogo interior; escrita hermética | Confissões; relato do dia a dia | Confissões, histórias do cotidiano; diálogo com os leitores | Confissões, histórias do cotidiano; diálogo com os leitores |
| Linguagem (uso de 1ª pessoa; vocabulário informal; coloquialismos; prosa narrativa) | Texto prolixo, volumoso; caligrafia como marca pessoal e emoção | Caligrafia como marca pessoal e emoção; coloquialismo; texto curto | Coloquialismo mais acentuado, presença de gírias; abreviações; economia vocabular; emoção marcada por símbolos | Coloquialismo mais acentuado, presença de gírias; abreviações; economia vocabular; emoção marcada por símbolos |
| Tempo (assíncrono) | Resgate da memória diária; registro feito geralmente ao final do dia | Registro diário como resgate de momentos mais significativos | Sincronia relativa; simulação de conversa em tempo real | Sincronia relativa; simulação de conversa em tempo real |
| Interlocutor | O próprio diálogo com o diário. Leitor imaginário ou eventualmente amigos muito íntimos ou familiares autorizados; interlocutor materializado no diário | Diálogo com a agenda. Alguma presença de leitores do círculo de amizade que deixam seus registros | Leitor com autoria, comenta a leitura e interfere. Pode ser qualquer pessoa com acesso à Internet; leitores do círculo de amizade; comunidades virtuais; interlocutor real | Leitor com autoria, comenta a leitura e interfere. Pode ser qualquer pessoa com acesso à Internet; leitores do círculo de amizade; comunidades virtuais; interlocutor real |

| Categorias | Diário íntimo de papel | Agenda de adolescentes | Blog pessoal | Post do Facebook |
|----------------------------|---|--|---|---|
| Suporte | Papel; caderno; livro; suporte com valor secreto, com privacidade | Agenda impressa | Digital; suporte com valor público, com privacidade relativa (o autor pode limitar o acesso de leitores) | Digital; suporte com valor público, com privacidade relativa (o autor pode limitar o acesso de leitores) |
| Interatividade | Praticamente inexistente; leitor não interfere | Presença de comentários com autorização do autor | Facilidade de acesso, presença de comentários; existência de comunidades virtuais | Facilidade de acesso, presença de comentários; existência de comunidades virtuais |
| Hipertextualidade | Praticamente inexistente; estrutura linear | Praticamente inexistente; estrutura linear | Convivência de variados blocos de informação; estrutura não-linear; presença de <i>links</i> | Estrutura linear relativa (alguns posts são somente textos ou imagens), presença de <i>links</i> |
| Recursos multimídia | Praticamente inexistente | Presença de imagens, fotos; variados elementos, como papel de bala, ingresso de cinema, bilhetes | Marcas de subjetividade na escolha de recursos como música, vídeos, fotografias, textos | Marcas de subjetividade na escolha de recursos a serem compartilhados (preferencialmente imagens e vídeos) |
| Arquivamento | Cadernos guardados em armários e gavetas | Agendas guardadas em armários e gavetas | Arquivamento virtual constituindo banco de dados; facilidade de acesso aos <i>posts</i> antigos; dinamicidade na busca de informações | Arquivamento virtual constituindo banco de dados (nuvens); facilidade relativa de acesso aos <i>posts</i> antigos; presença de álbuns |

Quadro 1: Comparação entre as categorias do diário de papel, da agenda e do *blog* pessoal

Percebe-se com o Quadro 1 que muitas categorias existentes no diário de papel se repetem tanto na agenda como no *blog* e no post de Facebook. As categorias que sofrem mais alterações, ou que não se apresentavam no gênero antecedente, comportam-se assim em função do suporte, do acréscimo de itens semióticos, dos recursos digitais e da presença do interlocutor materializado em um leitor que faz comentários. No entanto, a maioria das categorias permanece a mesma, garantindo a finalidade à que se propunha.

Se levarmos em conta que as classificações dos textos remontam a Aristóteles com seus três grupamentos – lírico, épico, dramático – e que hoje tendemos ao infinito quanto ao número de gêneros existentes, constataremos o que Bakhtin afirma: os gêneros são tantos quanto as atividades humanas. Com o advento da Internet, outros gêneros surgiram e uns tantos se transmutaram para adaptar-se ao novo suporte. Foi assim com

o diário, com a carta, com o telefonema, enfim, com vários gêneros discursivos. O *blog* e os posts de Facebook também se enquadram nesse grupo.

A passagem do diário de papel para o diário digital – o *blog* ou *face* – se deu efetivamente pela agenda, que já demonstrava certo caráter multimodal. Com a facilidade de utilização da ferramenta, o *blog* e o Facebook passaram a ocupar o lugar do diário de papel por serem, então, facilitadores de postagens de diversas mídias. Isso não quer dizer que o diário de papel tenha sido abandonado por seus seguidores, mas que vários outros praticantes da escrita sobre si apareceram em função da facilidade que o meio digital proporciona.

Além disso, há a dicotomia público x privado, já que no diário de papel, a intenção do autor é mantê-lo secreto, sem acesso a leitores indesejados. No caso das agendas e dos recursos digitais, a publicização surge quase como uma necessidade de o autor expor sua intimidade, seu dia a dia, suas histórias particulares, para receber em troca comentários e opiniões dos seus seguidores/leitores. Vivemos a era da exposição, do escancaramento, da necessidade de “curtidas”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKTHIN, Mikail (1997). **Estética da criação verbal**. São Paulo, SP: Martins Fontes.

LEJEUNE, Philippe (1971). **L'autobiographie en France**. Paris : A.Colin, Col. U2.

MACIEL, Sheila D. (2004). **A literatura e os gêneros confessionais**. In: Antonio Rodrigues Belon & Sheila Dias Maciel (Orgs.). *Em diálogo: estudos literários e linguísticos* (pp. 75-91). Campo grande, MS: Ed. UFMS.

MARCUSCHI (2006). **Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação**. In: A. M. Karwoski, B. Gaydeczka & K. S. Brito (Orgs). *Gêneros textuais: reflexões e ensino* (pp. 23-36). 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Lucerna.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de (2002). **Diários íntimos na Era Digital. Diários públicos, mundos privados**. In: *Ciberpesquisa*. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/>>. Acesso em out. 2008.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel (1996). **A preservação da vida na escrita: o diário de Getúlio Vargas**. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 17.

VILLANUEVA, Darío (1991). **El polen de las ideas. Teoría, crítica, historia y literatura comparada**. Barcelona, PPU: Literatura y Pensamiento en España.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Patricia Vasconcelos Almeida - Pós doutora em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação em Letras e na pós graduação nos programas de Educação (mestrado profissional) e de Letras (mestrado acadêmico). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Tecnologias e Práticas Digitais no ensino-aprendizagem de línguas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras mediado pelas tecnologias digitais, tecnologia educacional, ambientes virtuais de aprendizagem.

Mauriceia Silva de Paula Vieira - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação e na pós graduação. Possui experiência docente na educação básica, na formação continuada de professores alfabetizadores e de professores de língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem nas seguintes áreas: ensino de língua portuguesa; leitura e práticas de letramentos; letramento digital e uso de tecnologias; análise linguística/semiótica em perspectiva funcionalista.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem 14, 16, 17, 18, 20, 36, 37, 40, 41, 45, 47, 49, 50, 78, 86, 87, 89, 92, 94, 222,
Argumentação 240, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 249, 251, 252
Arte 22, 26, 27, 28, 30, 32, 36, 53, 61, 105, 136, 151, 152, 157, 163, 221, 258, 262
Avaliação 1, 2, 3, 11

B

Blog 22, 45, 110, 111, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122

C

Câmara Cascudo 123, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136
Classificação e construção 96
Colaborativa 21, 22, 24, 69, 86, 91
Combinações sintagmáticas 193, 194, 200
Crioulo cabo-verdiano 225, 226, 227, 229, 230, 231, 233, 234, 236, 237
Cultura 5, 9, 10, 17, 26, 27, 28, 30, 36, 44, 57, 61, 64, 78, 79, 82, 85, 92, 125, 129, 130, 131,
134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 148, 149, 157, 162, 163, 210, 224, 225, 226, 227,
228, 229, 232, 234, 236, 237, 238, 242, 255, 263

D

Dialogismo 74, 81, 84, 205, 218
Diário 25, 29, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 258, 259, 262

E

Educação feminina 253, 258
Elementos neoclássicos 165, 166, 167, 168, 172, 173
Enfoque 71, 77, 151, 152, 205, 208, 212, 213, 222
Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 31, 36,
37, 38, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 51, 52, 62, 63, 64, 69, 70, 73, 74, 78, 81, 84, 86, 87,
88, 89, 94, 110, 122, 173, 190, 219, 221, 222, 234, 237, 238, 251, 255
Escrita feminina 112, 253
Estesiológica 25, 28, 36
Estilo 20, 74, 81, 84, 96, 97, 100, 108, 133, 242, 243
Estratégias argumentativas 240, 244, 246, 249

Experiencia 3, 18, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 36, 37, 38, 42, 49, 50, 51, 68, 78, 106, 139, 141, 142, 143, 145, 147, 151, 152, 153, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 228, 253, 261, 263

F

Facebook 22, 110, 111, 118, 119, 120, 121, 122

Fanfictions 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84

Formação de palavras 165, 166, 167

Frases idiomáticas 2, 9

G

Gastronomia 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 36, 37

Gêneros textuais 19, 44, 45, 51, 66, 69, 96, 110, 112, 117, 122, 189

Grafema-fonema 175, 176, 177

H

Hermenêutica 151, 152, 153, 156, 158, 160, 161, 162, 164

I

Internet 20, 45, 48, 49, 50, 56, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 88, 90, 92, 95, 108, 110, 111, 112, 115, 116, 120, 121, 169, 189, 205, 206, 242

L

Leitura 20, 22, 27, 43, 44, 45, 51, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 84, 85, 90, 110, 111, 113, 116, 120, 124, 175, 177, 178, 181, 185, 189, 190, 224, 239, 251, 259, 264

Leitura e escrita 44, 74, 77, 78, 81

Letramento digital 14, 16, 20, 21, 24, 38, 43, 44, 45, 47, 51, 52, 86, 87, 89, 93, 94

Libras 138, 139, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150

Linguagem 4, 5, 9, 12, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 28, 44, 72, 86, 88, 90, 91, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 106, 108, 111, 113, 116, 117, 119, 120, 126, 135, 136, 139, 140, 141, 174, 178, 185, 193, 194, 195, 200, 205, 206, 209, 210, 211, 212, 214, 217, 218, 221, 222, 223, 225, 229, 238, 242, 244, 246, 247, 251

Língua minoritária 225, 229

Língua oficial 6, 7, 225, 229, 233, 236

Língua Portuguesa 1, 2, 5, 6, 7, 12, 13, 14, 15, 16, 21, 22, 23, 24, 51, 62, 64, 73, 95, 110, 137, 139, 142, 147, 169, 173, 174, 175, 179, 190, 198, 212, 230, 233, 234, 235, 236, 238

Linguística Textual 62, 64, 71, 73, 126, 136, 205, 209, 215, 222, 223, 251

M

Mediatização 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61

Metáfora 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 212

Morfologia 8, 149, 165, 166, 173, 180, 182, 204

Multiletramentos 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24

N

Narratividade 53, 54, 57, 58, 60

Nísia Floresta 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263

Nordeste 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 152, 164, 254

P

Padrões formativos 192, 193, 194, 202

Parâmetros Curriculares Nacionais 62, 63, 64, 65, 70, 73

Petições iniciais 240, 241, 242, 243, 247, 250, 251

Português brasileiro 136, 175, 177, 178, 179, 181, 182, 189

Português Europeu 2, 6

Processos educativos 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

Profissionalização 38, 40, 41, 42, 43, 44, 49, 50, 51

R

Referenciação semiotizada 205, 206, 208, 213, 214, 215, 217, 219, 220, 222

Representações discursivas 123, 125, 126, 127, 128, 129, 135, 136, 137

Rupturas 38, 59, 111, 259

S

Semiótica 16, 17, 22, 53, 54, 86, 88, 91, 95, 140, 223

Sílaba 19, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 189

T

Teatro 12, 25, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 36, 37

Terminologia 107, 169, 193, 195, 198, 203, 204

Texto 5, 7, 16, 17, 18, 19, 22, 24, 25, 40, 44, 47, 48, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 76, 77, 78, 81, 83, 84, 86, 90, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 108, 110, 111, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 125, 126, 127, 128, 135, 136, 137, 145, 146, 149, 152, 157, 175, 176, 178, 181, 182, 183, 184, 185, 189, 191, 196, 197, 205



**EDITORA
ARTEMIS**